

Atitudes linguísticas dos falantes portuenses frente ao uso do pronome *tu***Portuenses speakers' linguistic attitudes regarding to the use of the pronoun *tu***Maria Rilda Alves da Silva Martins¹

Instituto Federal do Tocantins

Carine Haupt²

Universidade Federal do Tocantins

Daniel Marra da Silva³

Instituto Federal do Tocantins

Maria Marta Pereira Scherre⁴

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Neste artigo, buscamos verificar as atitudes linguísticas dos falantes portuenses frente às formas de segunda pessoa do singular em uso. Focalizamos aqui, especificamente no pronome *tu*, para saber como esse pronome é avaliado, positiva ou negativamente pela comunidade de fala de Porto Nacional-Tocantins. Além disso, pretendemos verificar: qual a forma de segunda pessoa do singular (Ps2) os portuenses afirmam utilizar e qual a forma de Ps2 que, de fato, a comunidade pesquisada utiliza. Para cumprir com o objetivo proposto para este estudo, aplicamos um teste de avaliação a 36 falantes estratificados conforme as faixas etárias de dezoito (18) a trinta e cinco (35) anos, de trinta e seis (36) a cinquenta e cinco (55) anos e mais de cinquenta e cinco (55) anos de idade, com níveis de escolaridade Fundamental (completo e incompleto), Ensino Médio e Ensino Superior de ambos os sexos: feminino e masculino. Os resultados evidenciaram uma avaliação positiva dos falantes de nível superior, ao contrário, os falantes do ensino médio e ensino fundamental avaliaram de forma negativa o pronome *tu*.

Palavras-chave: Pronome *tu*. Atitudes Linguísticas. Porto Nacional.

Abstract: In this article, we seek to verify the linguistic attitudes of the Portuenses speakers regarding the second person singular forms in use. We focus here, specifically on the pronoun you to know how this pronoun is evaluated, positively or negatively by the speaking community of Porto Nacional Tocantins. In addition, we intend to verify: what form of second person singular (Ps2) the Nacional Tocantins claim to use and what form of Ps2 that in fact the community surveyed uses. To meet the proposed goal of this study, we applied a screening test to 36 speakers, stratified in the age range of eighteen (18) to thirty-five (35) years old, from thirty-six (36) to fifty-five (55) years old and over fifty-five (55) years old. In relation to the

¹ Instituto Federal do Tocantins. E-mail: rilda_gestar@ifto.edu.br

² Universidade Federal do Tocantins. E-mail: carineh@uft.edu.br

³ Instituto Federal do Tocantins/Universidade Federal do Tocantins. E-mail: danielmarra@ifto.edu.br

⁴ Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: mscherre@gmail.com

level of education, we selected speakers from the Basic education (complete and incomplete), High school and Undergraduate Courses, and regarding gender: feminine and masculine. The results showed a positive evaluation of the speakers of higher education. On the contrary, the speakers of high school and elementary school evaluated in a negative way the pronoun *tu*.

Key-words: Pronoun *tu*. Linguistic attitudes. Porto Nacional.

Recebido em 20 de janeiro de 2018.

Aprovado em 10 de março de 2018.

Introdução

Apresentamos neste estudo, resultado de uma pesquisa realizada na região urbana de Porto Nacional Tocantins, município situado na região norte do Brasil. Nosso objetivo com esse trabalho consistiu em verificar como o pronome *tu* é avaliado na comunidade de fala portuense.

A motivação para estudar especificamente esse fenômeno se deu a partir dos resultados das análises de pesquisas realizadas entre os anos de 2014 e 2017 nesse município. Foram constatadas durante as análises que as formas de segunda pessoa do singular mais utilizadas pelos portuenses são as variantes *cê/você*. Partiu-se daí, o interesse em verificar como ocorre a avaliação do pronome menos utilizado nessa comunidade de fala, com base na amostra aqui constituída. Esse estudo tem como fundamentação teórica e metodológica os trabalhos desenvolvidos pela Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972[2008]).

A partir das análises dos dados, esperamos verificar quantos portuenses afirmaram utilizar o pronome *tu*; Qual é o pronome de segunda pessoa do singular que os portuenses utilizam ou afirmam usar para se dirigirem aos seus interlocutores; Como o pronome *tu* é avaliado pelos falantes do ensino superior, médio e fundamental.

Para cumprir com os nossos objetivos propostos, aplicamos um teste de avaliação a 36 falantes estratificados conforme as faixas etárias de dezoito (18) a trinta e cinco (35) anos, de trinta e seis (36) a cinquenta e cinco (55) anos e mais de cinquenta e cinco (55) anos de idade, com níveis de escolaridade Fundamental (completo e incompleto), Ensino Médio e Ensino Superior de ambos os sexos: feminino e masculino. Vale destacar que, este estudo é apenas um recorte de uma pesquisa de mestrado sobre a Análise da Alternância da Segunda Pessoa do Singular no Falar Portuense, realizada em 2017

2. Metodologia, Fundamentação Teórica e Análise de dados

Com o objetivo de verificar as atitudes dos falantes portuenses frente ao pronome *tu*, iniciamos em 2017 uma coleta de dados na região urbana de Porto Nacional Tocantins. Um dos fatores que nos motivou à escolha desse município foi o fato de Porto Nacional ser um protótipo de comunidade de fala tocantinense, que ainda foi pouco estudada.

Ao iniciarmos as coletas de dados, primeiramente fizemos uma pré-seleção dos participantes da pesquisa. Para tanto, os critérios de seleção foram: conceder a entrevista espontaneamente, ser nascido em Porto Nacional ou ter ido para lá quando criança; não ter morado fora ou no máximo por um terço da vida; encaixar-se nos perfis sociolinguísticos preestabelecidos – que são sexo, faixa etária e anos de escolaridade. Para a realização deste estudo, foram selecionados 36 falantes, estratificados conforme o Quadro 1:

Quadro 1: Perfil dos falantes.

FAIXA ETÁRIA	18-35		36-55		+55	
	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
Superior	2	2	2	2	2	2
Médio	2	2	2	2	2	2
Fundamental	2	2	2	2	2	2
Total: 36						

Fonte: Elaboração própria.

Conseguimos constituir uma amostra do falar portuense com 36 participantes; 18 mulheres e 18 homens, com o intervalo de idade entre 18 e 86 anos. Em relação ao nível de escolarização, selecionamos 12 falantes com ensino fundamental completo e incompleto, 12 com ensino médio completo e 12 com ensino superior completo. O contato com os primeiros colaboradores desta pesquisa foi realizado com auxílio de um morador da cidade, estudante na área da Dialectologia. Contamos também com a ajuda de pessoas da comunidade que nos puseram em contato com outros colaboradores da nossa pesquisa, o que significa dizer que as entrevistas foram autorizadas pelos participantes da nossa pesquisa, tornando-se possível efetuar o controle sociolinguístico de cada falante. Vale ressaltar que foi aplicada também uma ficha social, em que registramos as características sociais, com o objetivo de colher as informações para as

entrevistas e para a análise dos dados. No final das entrevistas, foi solicitada a assinatura do termo de consentimento de uso dos dados com propósito científico.

Tivemos um pouco de dificuldade de encontrar falantes que preenchessem o seguinte perfil: Ensino Fundamental Completo e Incompleto, principalmente homens e mulheres de 18 a 35 anos, mas, com ajuda de um falante colaborador da nossa pesquisa, conseguimos ir a uma escola que oferecia EJA e pudemos finalizar as entrevistas. Ficamos surpresas ao ver uma grande quantidade de jovens entre 17 e 19 anos cursando a segunda fase do ensino fundamental. Contudo, cada estudante apresenta sua realidade particular e os motivos para ainda estar cursando esse nível escolar. Portanto, esse foi o último perfil a ser gerado, devido às dificuldades em encontrar os falantes durante o período diurno; a maioria dos falantes com esse perfil trabalha durante o dia. Finalizamos as gerações dos dados, agradecidos pela boa receptividade da equipe diretiva da escola, bem como a excelente receptividade de toda a comunidade portuense. Assim, completamos as entrevistas da nossa amostra.

Os principais condicionadores sociais que usualmente são correlacionados à variação linguística são a faixa etária, o grau de escolaridade e o sexo/gênero dos falantes, conforme apresentamos a seguir.

Faixa etária

A variável faixa etária é, conforme Moreno Fernández (2009), um aspecto bem relevante para a variação, pois essa variável determinará com mais precisão indícios de mudanças em tempo real, ou seja, a configuração de um fenômeno linguístico em cada fase da vida do ser humano. Nesta pesquisa, optamos por testar essa variável para verificar se a idade dos falantes interfere na forma de avaliação do pronome *tu* na comunidade estudada. Os falantes desta pesquisa foram estratificados nas faixas etárias de dezoito (18) a trinta e cinco (35) anos, de trinta e seis (36) a cinquenta e cinco (55) anos e mais de cinquenta e cinco (55) anos de idade, conforme apresentado no Quadro 1.

Nível de escolaridade

A escolaridade é, de fato, um critério muito importante para a investigação sobre a variação e a mudança linguística, já que quanto maior o tempo de escolaridade de uma pessoa, maior a probabilidade de sua fala e escrita aproximarem-se da norma-padrão (GUIMARÃES, 2012). Segundo Moreno Fernández (2012), é através da escolarização e

do contato progressivo com falantes de diferentes origens que o falante vai adquirindo uma consciência e um reconhecimento das variedades de uma língua, bem como de suas variáveis e de suas variantes. Segundo esse autor, o processo de conhecimento da variação é refletido a partir da maturidade linguística. Ao mesmo tempo, as atitudes linguísticas dos próprios falantes e dos aprendizes de uma língua dependem em grande medida do ponto de maturidade ao que se chega (MORENO FERNÁNDEZ, 2012). Em relação a essa variável, foram selecionados falantes do ensino fundamental (completo e incompleto), falantes com ensino médio e falantes com ensino superior.

Fator gênero/sexo

Várias pesquisas sociolinguísticas comprovam notáveis diferenças quando se usa o sexo como critério de análise. Uma das principais é a tendência de as mulheres obedecerem à norma-padrão com maior rigor do que os homens. Isso pode interferir no mecanismo de mudança linguística. Nesse panorama, Marra (2009, p. 124) afirma que “os líderes da mudança linguística como descritos por Labov, são mulheres que alcançaram posições econômicas e socialmente respeitadas em redes sociais locais”. Todas essas variáveis extralinguísticas foram analisadas de forma correlacionadas com as variáveis linguísticas em nosso estudo.

2.1 Localização da pesquisa

De acordo com os dados do IBGE de 2010, Porto Nacional apresentava uma população de 49.145 habitantes. Os residentes na área urbana eram cerca de 42.435, enquanto a região rural era habitada por 6.711 pessoas. Esse município tem aproximadamente 50 bairros; dentre eles, selecionamos 10 para a realização das gerações de dados para a presente pesquisa. Dos bairros selecionados, os mais populosos são: Jardim Brasília, com 3.318 habitantes; Nova Capital, com 3.181 habitantes; São Francisco, com 3.077 habitantes; Jardim Querido, com 2.826; Porto Imperial, com 2.708 habitantes; Tropical Palmas, com 1.774 habitantes e Jardim Umuarama, com 1.499 habitantes. No próximo tópico, apresentamos o modo como ocorreu a geração dos dados.

2.2 Geração e Análise de dados

O procedimento de geração dos dados seguiu a metodologia de gravação da fala dos colaboradores através de entrevistas interativas com questionário semiestruturado. Segundo Moreno Fernández (2012), a coleta interativa de amostra é o procedimento básico para o estudo sociolinguístico da língua falada, por esse motivo, adotamos essa técnica para a realização da coleta de materiais da língua falada em Porto Nacional - TO, objetivando captar nosso fenômeno.

Tarallo (2007) destaca o seguinte questionamento: “uma vez que o pesquisador resolve estudar a língua falada em situações *naturais* de comunicação, como coletar dados, sem que a presença do pesquisador possa interferir na naturalidade da situação de comunicação?” (TARALLO, 2007, p. 20). Para tentar resolver essa situação, o autor ressalta que uma primeira tentativa seria a de procurar fazer o papel do pesquisador-observador, ou seja, o pesquisador que não participa diretamente da situação de comunicação. Entretanto, essa não foi nossa intenção com esse trabalho, pois nosso propósito consistiu em gerar os dados com a participação direta na interação com os falantes.

Para conseguir a participação direta dos colaboradores de nossa pesquisa, respaldamo-nos na estratégia que conta com grande aceitação, contra o paradoxo do observador, que é a observação participativa. Segundo Moreno Fernández (2012), a entrevista semidirigida acaba transformando-se em uma autêntica observação participativa, na qual o falante, o interlocutor, a mudança referencial de cada interlocutor, o contexto percebido e a situação comunicativa em seu conjunto constituem os eventos de fala. Todos esses componentes discursivos foram considerados durante a geração dos dados, pois todos os envolvidos nesse processo discursivo são observados e podem influenciar no conteúdo da entrevista.

Assim, para atingir o nosso propósito metodológico, formulamos um roteiro de perguntas em forma de questionário guia de entrevista. Esse roteiro teve como objetivo padronizar os dados de vários falantes para posterior comparação, ou seja, controlar os tópicos de conversação e criar narrativas de experiência pessoal (momento em que os falantes relatam sobre as receitas culinárias e sobre as brincadeiras infantis, principalmente quando falam do significado dessas duas situações).

Para Tarallo (2007), os estudos com as narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, os falantes estão tão envolvidos emocionalmente com o que relatam que prestam a mínima de atenção ao como relatam. Esta é de fato a situação

natural de comunicação que almeja o pesquisador sociolinguista. Iniciamos, então, as entrevistas, primeiramente com um bate-papo informal sobre as brincadeiras infantis, receitas típicas da comunidade portuense, aplicação de um teste de percepção e produção linguística e, no final, pedíamos informações sobre restaurantes e lugares turísticos da cidade.

Com base nas interações instrucionais, foi possível captar o fenômeno pretendido. Segundo Paredes Silva (2011), a pergunta “*como se faz alguma coisa*” permite que os interlocutores produzam sequências injuntivas e constitui método que favorece a utilização da segunda pessoa do discurso. O uso desse tipo de pergunta foi a estratégia empregada durante as gravações que constituem parte da amostra aqui analisada. Apresentaremos abaixo as situações discursivas utilizadas metodologicamente nas gerações dos dados.

Primeira situação discursiva: falar sobre brincadeiras infantis e sobre receitas culinárias de famílias

Nessa primeira proposta, solicitamos aos nossos colaboradores que falassem sobre as brincadeiras infantis de quando eram crianças. Nossa intenção com esses relatos era fazer com que eles falassem livremente, sem se preocupar com o estilo formal da língua, ou seja, que os utilizassem o seu *vernáculo* (considerando o entorno comunicativo). O vernáculo é um elemento de grande interesse para a Sociolinguística, pois se refere à variedade da língua local de uma comunidade, e é definida também como variedade menos sensível da influência de outras variedades e da noção de correção (LABOV, 2008 [1972]). Para Moreno (2012), o vernáculo é um objeto de dupla caracterização: por um lado, é considerado por alguns teóricos como uma variedade não monitorada e, por outro lado, é considerado por Labov (2008 [1972]) como uma variedade adquirida na pré-adolescência. Mas, conforme advoga Moreno (2012), não se deve cair na armadilha de considerar o vernáculo de um determinado falante como sua forma de falar mais natural ou habitual, já que pessoas podem modificar sua língua ao longo de sua vida e em função do contexto situacional.

Partindo desse pressuposto, a atenção que prestamos ao discurso durante o desenvolvimento dessa primeira situação foi bem criteriosa, por se tratar de um processo cognitivo de grande significação. Por isso, esse primeiro teste metodológico consistiu em fazer com que os falantes utilizassem sem perceberem os pronomes de

segunda pessoa do singular. Para isso, pedimos aos falantes que nos explicassem como poderíamos utilizar essas brincadeiras com as crianças de hoje em dia. Além dessa proposta, fizemos também perguntas sobre as receitas culinárias aprendidas com as mães, os pais, as avós ou outros entes familiares. Os falantes relataram passo a passo o modo de como fazer as comidas típicas de família e, geralmente, contavam-nos história sobre o significado tradicional de cada receita. Além disso, vale destacar que foi explicado inicialmente antes da gravação que a nossa proposta era registrar um pouco sobre a cultura portuense, para não falarmos diretamente sobre o nosso objeto de estudo e, assim, evitar o monitoramento da variável em discussão.

Esse primeiro teste metodológico nos forneceu um material oral muito significativo, principalmente quando foram repassadas as instruções do passo a passo das brincadeiras e das receitas culinárias. Os falantes dialogaram livremente conosco e utilizaram o pronome de segunda pessoa do singular para interagir com os interlocutores presentes nas situações sociocomunicativas, que, na maioria das vezes, não eram somente os entrevistados e os entrevistadores, mas contavam, às vezes, com a presença de amigos, vizinhos, colegas de trabalho e pessoas da família; todos esses sujeitos foram considerados em nossas análises. Mediante as observações desse material oral, constituído a partir de um método interativo de falar sobre as brincadeiras infantis e receitas culinárias, captamos trechos significativos para nossa análise.

Segunda situação discursiva: Testes de produção

Nesse segundo momento metodológico, optamos pelo teste de produção que consistiu em criar mecanismos que levassem o falante a escolher uma variante de segunda pessoa do singular para produzir/formular uma pergunta à entrevistadora ou a colegas e familiares presentes durante a realização da entrevista. Para isso, foram sugeridas algumas palavras sobre estado civil, profissão, lazer, família e local de origem dos interlocutores. Essa troca de papéis (pesquisadora passa a ser entrevistada pelos participantes) foi uma excelente estratégia que nos mostraram relevantes fatores cognitivos. No momento da realização da entrevista, o uso da segunda pessoa do singular foi imprescindível. Isto explica a escolha desse método para realizar essa segunda situação discursiva.

Terceira situação discursiva: Aplicação do teste de percepção e produção linguística

O teste de percepção que apresentaremos abaixo foi baseado no questionário de Rocha (2013) realizamos algumas adaptações para atender aos objetivos propostos para este estudo. No momento da aplicação desse teste, a pesquisadora volta à sua função de entrevistadora e realizam as seguintes perguntas:

- a) Qual a forma de segunda pessoa do singular costuma usar para se dirigir a um amigo ou a uma amiga? Tu/você/ocê/cê?
- b) Qual forma costuma usar para dirigir ao seu pai ou a sua mãe? Tu/você/ocê/cê?
- c) Qual forma costuma usar para se dirigir a alguém superior (patrão/patroa, por exemplo)? Tu/você/ocê/cê?
- d) Qual dessas formas acha mais bonita? Tu/você/ocê/cê?
- e) Qual dessas formas acha feia ou ruim? Tu/você/ocê/cê?

Esse procedimento metodológico teve como objetivo propiciar aos falantes uma reflexão sobre as variantes de segunda pessoa do singular, tornando-os conscientes sobre o uso dessas variantes. Em comparação com a primeira situação, pretendemos analisar às atitudes linguísticas dos falantes frente às variantes *tu*, *você* e *cê* e verificar o seu comportamento quanto às formas linguísticas de maior prestígio ou não. No final, pudemos contrastar as avaliações desse teste de percepção e produção linguística com os dados coletados nas outras situações discursivas.

Quarta situação discursiva: Perguntas sobre endereços da cidade

Nessa situação discursiva, perguntamos aos falantes sobre os endereços de restaurantes, pontos turísticos, tais como: Catedral, Praça Centenário, Praia etc. O objetivo dessa última situação discursiva consistiu em verificar se os falantes continuaram ou não usando a mesma variante utilizada no início da situação discursiva.

2.2.1 Análise da Avaliação da Variante *tu* no Falar de Porto Nacional Tocantins

Refletiremos a partir daqui sobre o significado da variante *tu* para a comunidade portuense. Essa reflexão parte da análise dos resultados da aplicação do teste de percepção e produção linguística. Com esse teste obtivemos os seguintes resultados:

Respostas dos falantes portuenses sobre a pergunta: “Costuma utilizar o *tu*?”

- a) *O Tu, as pessoas não conjugam corretamente. Mas quando bem conjugado é bonito.*
- b) *O tu, eu raramente uso. Até porque o tu exige que você conjugue da forma correta, né? Pra gente não cair nessa armadilha de não conjugar, então é melhor usar o você, que é mais fácil. Mas eu acho o tu muito bonito, muito bonito de se ouvir...*
- c) *Eu acho o tu bonito, mas parece que é mais pesado. Mas, uso mais o você.*
- d) *Só quando a gente quer avacalhar mesmo, quando quer brincar para sorrir... a gente... usa o tu.... a gente brinca um pouco, caso a gente for sair fora para conversar, é... você.*
- e) *TU – dificilmente eu uso, mas eu não me reparo a forma de falar assim ... tu, com meu irmão, às vezes eu uso.*
- f) *O tu é interessante, talvez porque ele não seja tão visualizado sonoramente, mas o mais usual mesmo é o você. Engraçado, por mais que... sejamos daqui de Porto, mas, ao utilizar o tu, eu me sinto um pouco que deslocado, mas me vejo às vezes falando, tu vai? E tu?*
- g) *Eu gosto muito do tu, mas o tu é uma pessoa muito perigosa, porque demanda o plural. Normalmente o tu é utilizado de forma coloquial.*
- h) *O tu, eu acho que é mais para pedido, acho mais ordenado... com meus mininu eu falo – pra tu fazer isso, pra você fazer isso... mais assim.*
- i) *tu é muito assim, acho muito assim, parece que tá botando a pessoa assim, sabe? sem valor, né?*
O tu, não usaria de jeito nenhum - (o falante acaba utilizando com a entrevistadora: “Quanto tu começou?”)
- j) *O tu? não, não sou acostumada a falar. Às vezes, eu utilizo com minhas irmãs, meus amigos de vez em quando, mas não gosto muito não.*
- k) *O tu? Eu não uso.*
- l) *Tu, como é que a gente vai falar tu com a pessoa?*
- m) *O tu, eu acho que é muito difícil. Aqui quase não se utiliza o tu não, mais é - você.*
- n) *Tu, parece que tá mandando, melhor: cê me ajudar... gosto mais do você - (o falante utiliza com o colega de trabalho: E quando tu chega lá na fazenda, o que você... o que vem na sua mente, o que vai fazer? - alternando com a variante você).*
- o) *O tu, o tu ahmaria! uma palavra assim forte. O tu fica muito agressivo.*
- p) *O tu: a gente acha mais estranho.*
- q) *Não utilizo o você, utilizo mais o tu, tu vai hoje?... (Durante a entrevista, a falante utilizou só a variante você).*
- r) *O tu? é muito raro, às vezes uso com meu marido. Muito difícil.*
- s) *Tu, o jeito é assim, mesmo, feio.*
- t) *Sempre na nossa criação a gente nunca usou o tu. Por mim, eu não trato uma pessoa por tu. Tem o dizer - O respeito cabe em qualquer lugar.*
- u) *Acho que o tu é uma palavra muito forte.*
- v) *Tu – você - é uma norma mais...pra minha época já era crítica.*
- x) *Pra mim, o tu é discriminado. A não ser com uma filha minha, a gente fala tu mesmo, mas pra mim o tu é discriminado.*
- y) *O tu é muito esquisito, tu, é pra fora.*
- z) *Tu é uma linguagem informal do cotidiano. Mas utilizo em determinada situação.*

Sintetizamos no Quadro 2 as informações dos excertos acima, de acordo com a escolarização, para verificarmos o significado que os falantes têm da variante *tu* em Porto Nacional.

Quadro 2: Síntese do significado da variante *tu* para os portuenses participantes da nossa pesquisa.

Costuma utilizar o <i>tu</i> ?		
Ensino Superior	Ensino Médio	Ensino Fundamental
“Eu não uso”.	“O tu? eu acho que é mais para pedido, acho mais ordenado... com meus mininu eu falo”.	“Acho estranho”.
“[...] as pessoas não conjugam corretamente. Mas quando bem conjugado é bonito”.	“Botando a pessoa sem valor”.	“Tu é uma linguagem informal do cotidiano. Mas, utilizo em determinada situação”.
“Raramente eu uso, exige conjugação, mas é bonito de ouvir”.	“Não usaria de jeito nenhum”.	“Não utilizo”.
“Bonito, mas parece que é pesado”.	“Não gosto, uso às vezes com meus irmãos e amigos”.	“Raramente uso, às vezes com meu marido”.
“Quando quero avacalhar, brincar, sorrir”.	Tu, é muito difícil.	Feio.
“Difícilmente eu uso, às vezes com meu irmão”.	“Tu, como é que a gente vai falar tu com a pessoa”.	“Acho falta de respeito”.
“Sinto deslocado”.	“Mandando”.	“Palavra forte”.
“Gosto do tu, mas é uma pessoa perigosa – demanda plural”.	“Palavra forte e agressiva”.	“Crítica para minha época”.
“Acho bonito, por causa da minha tia, ela utiliza”.	“Todas as variantes são bonitas”.	“Discriminado e esquisito”.

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com as informações sintetizadas no quadro acima, notamos que alguns falantes com ensino superior acham o pronome *tu* bonito; porém, julgam ser difícil utilizá-lo, por causa de sua conjugação. Percebemos a consciência linguística desses falantes em relação à estrutura da língua. A maioria prefere selecionar a variante *você* e *cê*, por ser mais fácil a flexão verbal de terceira pessoa do singular. Além disso, destacamos que esses falantes utilizaram menos termos negativos para se referirem à variante *tu* do que os falantes com ensino médio e fundamental, o que demonstra uma atitude positiva em relação ao uso dessa variante por parte daqueles.

Já os termos utilizados pelos falantes com ensino médio e com ensino fundamental foram mais negativos, demonstrando uma atitude depreciativa sobre a

variante. Eles acham que o uso do pronome *tu* está relacionado a pedido, ordem ou diminuição do valor que uma pessoa possui. Outros acham difícil, forte, agressivo, estranho, feio, sinal de falta de respeito, palavra forte, crítica, algo discriminado e esquisito. Alguns falantes dizem não o utilizar de jeito nenhum. Outros afirmam não gostar de utilizar o *tu*, mas às vezes o fazem com os irmãos, filhos, maridos e amigos. Isso faz crer que o pronome *tu*, às vezes, é utilizado com pessoas mais íntimas.

De acordo com os resultados percentuais apresentados na Tabela 01 abaixo, notamos que os falantes com ensino médio foram os que mais utilizaram a variante *tu*. Das 08 ocorrências dessa variante, houve 06 usos para esse nível de escolarização. Mas, quantos portuenses afirmaram utilizar o pronome *tu*? Qual é o pronome de segunda pessoa do singular que os portuenses utilizam ou afirmam usar para se dirigirem aos seus interlocutores? A partir do teste de percepção e produção linguística, responderemos a esses questionamentos. Apresentamos na tabela abaixo o percentual de uso dos pronomes de segunda pessoa do singular no falar portuense, informações retiradas do teste de percepção e produção linguística.

Tabela 1: O que os portuenses usam e o que eles afirmam usar com os amigos?

P	Sexo	Idad.	Escol.	Ocor. e % de utilização de TU	Ocor. e % de utilização de VOCE	Ocor. e % de utilização de CE	Comentários
t	F	18 – 35	S	2/14 = 14,3%	7/14 = 57%	4/14 = 28,7%	“ <i>Você</i> . O <i>tu</i> quando a gente quer avacalhar”. (utilizou o <i>tu</i> com a colega)
a	F	18 – 35	S	0/7 = 0,0%	7/7 = 100%	0/7 = 0,0%	“ <i>Você</i> ” - (usou o <i>te</i>)
s	F	36 – 55	S	0/7 = 0,0%	5/7 = 71,4%	2/7 = 28,6%	“É mais o <i>Você</i> ”
e	F	36 – 55	S	0/10 = 0,0%	7/10 = 70%	3/10 = 30%	“Uso muito <i>você</i> . O <i>tu</i> eu raramente uso” (usou o <i>teu</i> e <i>te</i>)
j	F	+ 56	S	0/17 = 0,0%	11/17 = 56%	9/17 = 44%	“ <i>Você</i> ” (usou o <i>te</i>)
c	F	+ 56	S	0/8 = 0,0%	7/8 = 87,5%	1/8 = 12,5%	“ <i>Você</i> ”
n	M	18 – 35	S	0/4 = 0,0%	¼ = 25%	¾ = 75%	“ <i>Você</i> e <i>cê</i> ”
g	M	18 – 35	S	0/21 = 0,0%	4/21 = 19%	17/21 = 81%	“ <i>Você</i> ” (Usou o

							<i>Te</i>)
o	M	36 – 55	S	0/4 = 0,0%	4/4 = 100%	0/4 = 0,0%	“ <i>Você</i> , às vezes uso o <i>tu</i> com meu irmão”. (Não usou <i>tu</i>).
f	M	36 - 55	S	0/4 = 0,0%	¼ = 25%	¾ = 75%	“ <i>Você</i> ”
h	M	+56	S	0/10 = 0,0%	3/10 = 30%	7/10 = 70%	“Comumente eu uso o <i>tu</i> , mas, o mais usual aqui em Porto é o <i>você</i> ”. (não utilizou o <i>tu</i>).
r	M	+56	S	0/11 = 0,0%	6/11 = 54,5%	5/11 = 45,5%	“eu uso muito o <i>você</i> , com pessoas mais íntimo eu uso o <i>tu</i> . (usou o <i>te</i>).
p	F	18 - 35	M	0/2 = 0,0%	2/2 = 100%	0/2 = 0,0%	“ <i>Você</i> ”
y	F	18 - 35	M	0/2 = 0,0%	2/2 = 100%	0/2 = 0,0%	“ <i>Você</i> ”
d	F	36 - 55	M	2/15 = 13,3%	1/15 = 6,7%	13/15 = 80%	“ <i>Você</i> ” (usou o <i>tu</i> , mas afirmou não usar de jeito nenhum)
i	F	36 - 55	M	0/3 = 0,0%	1/3 = 33,3%	2/3 = 66,7%	“ <i>Você</i> ”
q	F	+ 56	M	0/11 = 0,0%	3/11 = 27,3%	8/11 = 72,7%	“ <i>Você</i> ”
ç	F	+ 56	M	1/27 = 3,7%	8/27 = 29,6%	18/27 = 66,7%	“ <i>Você</i> ” (Usou o <i>tu</i>)
z	M	18 - 35	M	0/4 = 0,0%	4/4 = 100%	0/4 = 0,0%	“ <i>Você</i> e às vezes o <i>tu</i> ”
x	M	18 - 35	M	0/5 = 0,0%	3/5 = 60%	2/5 = 40%	“ <i>Você</i> ”
b	M	36 - 55	M	2/11 = 19,2%	3/11 = 30,3%	5/11 = 50,5%	“ <i>Companheiro e cê</i> ”
7	M	36 - 55	M	1/10 = 10%	0/10 = 0,0%	9/10 = 90%	-
8	M	+ 56	M	0/18 = 0,0%	4/18 = 22,2%	14/18 = 77,8%	“ <i>Você</i> ”
9	M	+ 56	M	0/7 = 0,0%	4/7 = 60,4%	2/7 = 39,6%	“ <i>Você</i> ”
\$	F	18 - 35	F	0/5 = 0,0%	5/5 = 100%	0/5 = 0,0%	“ <i>Tu – você</i> ”
o	F	18 - 35	F	0/4 = 0,0%	0/4 = 0,0%	4/4 = 100%	“ <i>Você</i> ”
4	F	36 = 55	F	0/7 = 0,0%	0/7 = 0,0%	7/7 = 100%	“ <i>Tu – você</i> ”
%	F	36 - 55	F	0/7 = 0,0%	0/7 = 0,0%	7/7 = 100%	“ <i>Você</i> ”

6	F	+ 56	F	0/3 = 0,0%	1/3 = 33,3%	2/3 = 66,7%	“Você”
5	F	+ 56	F	0/13 = 0,0%	2/13 = 15,4%	11/13 = 84,6%	“Você”
?	M	18 - 35	F	0/6 = 0,0%	0/6 = 0,0%	6/6 = 100%	“Você”
+	M	18 - 35	F	0/4 = 0,0%	0/4 = 0,0%	4/4 = 100%	“irmão”
^	M	36 = 55	F	0/13 = 0,0%	6/13 = 42,7%	8/13 = 57,3%	“Você”
*	M	36 - 55	F	0/8 = 0,0%	2/8 = 25%	6/8 = 75%	“Você e senhor”
w	M	+ 56	F	0/6 = 0,0%	3/6 = 50%	3/6 = 50%	“Seu fulano”
v	M	+ 56	F	0/3 = 0,0%	2/3 = 66,7%	1/3 = 33,3%	“Cê, senhor e senhora”.
Total	36	36	36				

Fonte: Elaboração própria.

Constatamos, a partir desses resultados, que a maioria dos falantes portuenses afirmou utilizar a variante *você*. Dos 36 falantes, 26 afirmaram utilizar essa variante, 08 falantes disseram utilizar a variante *tu* e apenas 03 a variante *cê*. Alguns falantes disseram que utilizavam também o pronome *senhor* e *senhora*, a expressão *irmão*, *companheiro* e *seu fulano*. A variante *tu* foi utilizada de fato por 05 falantes. Dentre eles, 03 utilizaram em diálogo com colegas e familiares presentes durante as entrevistas e 02 em diálogo com a entrevistadora. Dessa forma, podemos dizer que o pronome *tu* foi mais usual com interlocutores mais próximos, que possuíam um grau de intimidade maior. Respondendo ao questionamento acima, a forma de segunda pessoa que os portuenses afirmaram utilizar foi a variante *você*, que em termos percentuais está em segundo lugar em relação ao uso. Porém, o que de fato ficou constatado a partir dos resultados da nossa pesquisa é que a variante *cê* é a mais utilizada no falar portuense.

3. Considerações finais

Apresentamos neste estudo resultados sobre a forma como os portuenses avaliam a variante *tu*, a partir das nossas análises podemos responder o primeiro questionamento: *Quantos portuenses afirmaram utilizar o pronome tu?* Durante as entrevistas, foi realizada a seguinte pergunta: *Costuma utilizar a variante tu?* Constatamos que 08 falantes afirmaram utilizar a variante *tu*, mas essa variante foi de fato utilizada por 05 falantes. Dentre eles, 03 utilizaram em diálogo com colegas e

familiares presentes durante as entrevistas e 02 falantes utilizaram o pronome *tu* em diálogo com a entrevistadora.

A segunda pergunta consistiu em saber qual é o pronome de segunda pessoa do singular que os portuenses utilizam ou afirmam usar para se dirigirem aos seus interlocutores? Ficou comprovado que, dos 36 falantes, 26 afirmaram utilizar a variante *você*, 08 falantes disseram utilizar a variante *tu* e apenas 03 a variante *cê*. Mas em termos percentuais ficou constatado que a variante *cê* é a mais utilizada no falar portuense, apresentando o percentual de 58,8% de ocorrência. Ao contrário, a variante *tu* foi a menos utilizada na fala da comunidade portuense.

Mas como o pronome *tu* é avaliado no falar de Porto Nacional Tocantins? Levando em consideração a variável escolaridade, notamos que os falantes do ensino superior utilizaram menos termos negativos para se referirem à variante *tu* do que os falantes com ensino médio e fundamental, o que demonstra uma atitude positiva em relação ao uso dessa variante por parte dos falantes com maior grau de escolarização.

Já os termos utilizados pelos falantes com ensino médio e com ensino fundamental foram mais negativos, demonstrando uma atitude depreciativa sobre a variante. Eles acham que o uso do pronome *tu* está relacionado a pedido, ordem ou diminuição do valor que uma pessoa possui. Outros acham difícil, forte, agressivo, estranho, feio, sinal de falta de respeito, palavra forte, crítica, algo discriminado e esquisito. Alguns falantes dizem não o utilizar de jeito nenhum. Outros afirmam não gostar de utilizar o *tu*, mas às vezes o fazem com os irmãos, filhos, maridos e amigos. Isso faz crer que o pronome *tu*, às vezes, é utilizado com pessoas mais íntimas. De acordo com os resultados percentuais, notamos que os falantes com ensino médio foram os que mais utilizaram a variante *tu*. Das 08 ocorrências dessa variante, houve 06 usos para esse nível de escolarização.

Referências

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: Uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- GUIMARÃES, Thelma de Carvalho. *Comunicação e Linguagem*. São Paulo: Pearson, 2012.
- GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [*Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008].
- LEVINSON, S. *Presumptive meaning*. Cambridge: MIT Press, 2000.
- LOREGIAN-PENKAL, Loremi; MENON, Odete Pereira da Silva. *Você, Océ e Cê em Curitiba*, Paraná. *Signum: Estud. Ling.*, Londrina, p. 223-243, 2012.
- MARTINS, Marcos Antonio; ABRAÇADO, Jussara. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Sociolinguística cognitiva: Propositiones, escolios y debates*. Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2012.
- NASCENTES, Antenor. *O tratamento de “você” no Brasil*. *Letras*, n. 5/6, p. 114-122, 1956.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. *Um Porto no Sertão: Culturas e cotidiano em Porto Nacional – 1880 a 1910*. Goiânia. Ed. UFG, 2002.

_____. OLIVEIRA, Maria de Fátima. *Um Porto no Sertão Cultura e cotidiano em Porto Nacional 1880/1910*. 1997. 177f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

PAIXÃO, Ricardo dos Santos; NOGUEIRA, Priscila de Almeida. Processo de Cognição e de Linguagem: Diálogo Interdisciplinar. In: *Linguagem e Cognição: Um diálogo interdisciplinar*. São Paulo: Pensa Multimédia, 2015.

PERES, Edenize Ponzo. De “Nossa Mercê” a “cê”: os processos de uma mudança em curso. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 1, n. 1, Vitória, p. 155-168, 2007.

PERINI, Mário A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

ROCHA, Patrícia Graciela da. *Qual forma pronominal você costuma usar para se dirigir ao seu pai ou a sua mãe? Uma reflexão sobre a escolha de tratamento nas relações assimétricas em Florianópolis/SC*. *Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, Ano 09, n. 17, 2º semestre de 2013. ISSN 1807-5193.

SCHERRE, Marta et al. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, Marcos Antonio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

SILVA, Daniel Marra da. *Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov*. 2009. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SILVA, Ivanilde da Silva. “*Mistura pronominal*” ou *naturalidade do sincretismo na fala popular do Brasil?* 2014.

THOMAS, E. R. *Sociolinguistic Variables and Cognition*. *Advanced Review*, v. 2, Nov./Dec. 2011.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e contexto: Uma abordagem sociocognitiva*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].